



# Camaradas

Revista laboratorial dos alunos  
da Faculdade Cásper Líbero  
#1 - 2º semestre de 2014

Um caldeirão de  
**ideias**

Reportagens especiais e de viagem

# EXTRA

EDIÇÃO

# EXTRA

O único programa-laboratório  
do país apresentado em TV aberta

## SUMÁRIO



- 06 O DESAFIO DO RELACIONAMENTO ATRÁS DAS TELAS
- 10 2 EM UM SÓ
- 14 UM OUTRO OLHAR
- 18 A REALIDADE DOS ALUNOS COTISTAS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS
- 22 ADORAÇÃO À FANTASIA
- 26 DE GOTA EM GOTA
- 31 POR TRÁS DAS CORTINAS FECHADAS

## SUMÁRIO



**35** A CIDADE IMPERIAL

**39** PINGO VERDE NO CONCRETO CINZA

**42** A CIDADE DENTRO DA CIDADE

**49** MOOCA: UMA VIAGEM NO TÚNEL DO TEMPO

**52** MALTRATA E CONSOLA(ÇÃO)

**56** CAMBUCI: UM POTE NO MEIO DA CIDADE

## Camaradas

Revista laboratorial dos alunos do 2º ano do curso de jornalismo da Faculdade Cáper Líbero.

Professora orientadora:

Helena Jacob

Diagramação:

Lígia Neves, Luanna Martins, Paula Forster e Sarah Resende

Capa: Lígia Neves

Reportagens especiais:

Dâmaris Dellova Oliveira, Luanna Martins, Mathias Brotero, Laísa Dall'Agnol, Juliana Milan, Paula Forster, Karina Morais

Reportagens de viagem:

Letícia Drewanz e Nicolle Guimarães, Luanna Martins e Natália Petroni, Beatriz Albertoni e Kelly Miyashiro, Alessandra Petraglia e Heloisa Aun, Jordana Langella e Nathalia Gorga, João André, José Maurício e Laísa Dall'Agnol

## EDITORIAL

A primeira edição da Revista Camaradas produzida pelos alunos do segundo ano de jornalismo da Faculdade Cáper Líbero apresenta dois temas: Reportagens Especiais e Reportagens de Viagens.

Nesta primeira parte, o leitor poderá desfrutar de um conteúdo rico em pluralidade. Aos que se interessam por comédia, poderão ler uma reportagem especial realizada com os personagens do humor, como Murilo Gun, Fabio Rabin e Maurício Meirelles, aos que preferem às questões ambientais poderão conhecer personagens curiosos que incorporam a política de economia de água no dia-a-dia, além de estabelecimentos sustentáveis. Leitores também poderão ler uma reportagem sobre gravidez durante a adolescência. Redes sociais, a questão das cotas nas universidades, música, futebol para cegos também foram pauta das reportagens.

Paula Forster

# O desafio do relacionamento atrás das telas

Dâmaris Dellova Oliveira

Os clientes saíram das linhas de reclamação, mas não porque desistiram de esperar. Agora, eles têm voz ativa na internet e não medem suas palavras, restando aos analistas de mídias sociais a tarefa de acalmá-los

O relacionamento empresa-cliente sempre existiu, sendo de grande importância por possibilitar o feedback para os clientes sobre os produtos ou serviços oferecidos. A atual conjuntura do mundo conectado intensificou ainda mais esse relacionamento. Antes as opiniões dos clientes eram enviadas através de cartas para a empresa em questão, assim apenas o cliente e o profissional designado para tal função tinham acesso ao conteúdo da carta.

Seja qual for, rede social é uma estrutura que envolve pessoas, estas se conectam de acordo com o tipo de relação que partilham, como valores, amigos ou objetivos comuns. Uma das características mais interessantes que cercam essa ferramenta é justamente a sua abertura a todo tipo de público, sem relações hierárquicas. Assim como as pessoas podem estar inseridas nesse ambiente virtual, algumas organizações passaram a aderir a essa nova forma de se relacionar, principalmente empresas.

Para os clientes, esse novo comportamento das empresas é um grande salto já que suas reclamações são vistas por outros, saindo daquele diálogo monótono com o atendente de algum SAC (Serviço de Atendimento ao Cliente), onde seus problemas poderiam não ser resolvidos. Sim, ainda existem enormes call centers, “em que posso te ajudar?”, “vou estar providenciando para a senhora”, que tanto irritam os consumidores. Entretanto, acompanhando o imediatismo em que vivemos surgiram os Analistas de Redes Sociais.

O nome por si não explica muito dessa profissão, cada vez mais recrutando jovens que fazem Comunicação Social. Jornalistas, publicitários, relações públicas e até os alunos de letras fazem parte desse mercado. Quando diziam o que ansiavam ser quando crescer, com certeza não pensavam nessa ocupação. Ao se deparar com a proposta de emprego os jovens se entusiasmam, afinal eles já passam a maior parte do seu dia conectados e já logo imaginam estar viv-

A função do Analista não se restringe a alimentar a rede social com conteúdo, “é preciso ter jogo de cintura para gerenciar crises”, explica Sandra Albuquerque, chefe de Alana. “O analista de mídias sociais precisa tratar o cliente com respeito, sem exageros de vocabulário, tem que fazê-lo se sentir ‘ouvido’”, completa. Alana acrescenta a descrição: “Nosso trabalho é causar a sensação de proximidade com as pessoas que curtem a página”. Os exemplos da “sensação de proximidade” estão estampados nas páginas de diversas empresas, o segredo é utilizar a criatividade para o cliente não se sentir mais um, como se aquela resposta fosse automática.

Além de responderem às solicitações dos clientes, os analistas também são responsáveis pela produção de conteúdo. Uma boa sacada, com um viés de humor, pode promover de maneira gigantesca uma marca, assim como também pode ser um grande tiro no pé. Recentemente, em fevereiro, o Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade (ICQT) publicou em sua página do facebook uma charge alertando sobre os problemas da automedicação. Poderia ter sido uma ação benéfica para a comunidade se não tivessem usado um artifício preconceituoso e generalista. Na imagem, “Um remédio de cada vez... Se não melhorar... Mata? – ATENÇÃO: A AUTOMEDICAÇÃO É UMA BOMBA RELÓGIO PARA SUA SAÚDE. CUIDADO!”. A frase em si não revela nada demais, apenas uma recomendação médica usual, porém o desenho da charge mostra claramente um homem-bomba com traços árabes. O típico estereótipo que associa islamismo



Arquivo pessoal

Gabriel (de branco ao fundo) e seus colegas de trabalho: prefere os dias em que vai ao escritório.

ao terrorismo. Um dos usuários responde a imagem, “Adorei esse trocadilho com bomba relógio e um árabe, viu? Perpetuando um preconceito besta que no Brasil nem existe”, ironiza.

Gabriel Espósito, 19, aluno de publicidade, admite que a possibilidade de trabalhar em casa (home office) o atraiu muito no início, mas que depois que se acostumou a rotina prefere os dias em que vai ao escritório. “Os dias que vou ao escritório são bem mais divertidos. A gente se diverte compartilhando histórias que acontecem nas páginas, além de não ficar entediado.” Já o analista João Victor, 21, também estudante de publicidade prefere trabalhar em casa, “Assim consigo fazer minhas coisas pessoais, fico deitado na cama ou no sofá, mas tem que tomar muito cuidado para não se distrair”.

Diante do imediatismo e a possibilidade de alcançar tantas pessoas, as empresas ainda estão engatinhando no atendimento digital, apesar do relacionamento com o cliente já vir de muito tempo. Agora tudo é exposto,

qualquer deslize e a publicação pode parar na página do facebook intitulada “Analista de Mídias Sociais da Depressão”. O espaço é dedicado para as melhores sacadas dos sociais medias, não deixando de lado as gafes que também são motivos de risos, mas carregam consigo aprendizado para os profissionais. O SAC 2.0 fica com o desafio quase impossível de agradar aos clientes cada vez mais exigentes e “munidos” de ferramentas para fazer valer suas vontades.

**“A gente se diverte compartilhando histórias que acontecem nas páginas, além de não ficar entediado.”**

**Gabriel Espósito**

ACOMPANHE  
A CÁSPER LIBERO  
nas redes sociais



/FaculdadeCasperLibero



@CasperLibero



/CasperLibero

FACULDADE  
CÁSPER LIBERO

FORMANDO  
OS MELHORES  
PROFISSIONAIS  
DE COMUNICAÇÃO



2

*A batalha que os jovens pais  
enfrentam para conciliar  
estudos, família e um futuro  
ainda incerto na criação de  
um bebê*

Luanna Martins

UM

EM

SÓ

**D**entre muitos tabus que presentes na sociedade, um dos mais inquietantes dentro das famílias brasileiras é a gravidez precoce. “Meu primeiro pensamento não foi dos melhores, fiquei sem chão. Nunca imaginei essa situação acontecendo comigo e achei que minha família não aceitaria”, disse Fernanda Vitallino, que tem 18 anos e está no quarto mês de gestação.

O medo dos jovens em contar para os pais é a primeira preocupação que surge com a descoberta de uma gravidez adolescente. Soraia Santos, é mãe de Nalaty e tem 17 anos. Quando engravidou, disse que não sabia como contar para a família e tinha muito medo da reação de seu pai: “O medo foi tanto que eu não conseguia nem falar, só chorava. Minha mãe também não parava de chorar, e meu pai ficou tão em choque que não disse uma palavra, simplesmente ficou ouvindo tudo, depois virou as costas e foi dormir. No dia seguinte ele chegou com o primeiro presente da Nataly+, foi lindo”.

O começo da vida sexual está totalmente relacionado ao contexto familiar. Os adolescentes que iniciam a atividade precocemente e acabam engravidando, em alguns casos, herdam o histórico de seus próprios pais ou de outro parente próximo. Fernanda teve dois casos parecidos com sua história em sua família, assim como Soraia, que vivenciou a



Fernanda Vitallino, Matheus Borelli e o pequeno Davi que estava com apenas 2 meses

mesma experiência: “Tenho uma prima que ficou grávida com 16 e minha mãe também engravidou bem cedo, assim como eu”.

A preocupação em relação ao futuro de seus filhos e a chegada repentina do bebê na vida de uma garota - que nessa idade deveria estar se dedicando principalmente aos estudos - são apenas algumas questões envolvidas nas discussões familiares. A dificuldade de conciliar escola, faculdade e cursos com a maternidade, tem como consequência um índice alto de meninas que param de estudar com a finalidade de se dedicarem exclusivamente à gestação, como aconteceu no caso de Fernanda:

“Por minha gravidez ser de risco, tive que parar um tempo de estudar e acabei trancando a faculdade. Foi bem difícil pra mim”.

Mariana Furlani e Beatriz Martins também engravidaram quando ainda estavam na escola e falam sobre suas experiências. “Fiquei grávida aos 14 anos, mas continuei a frequentar as aulas, na época eu estava na oitava série. Lá eu percebia bastante preconceito. Notava as pessoas comentando, mas nunca me abalei com isso”, conta Mariana, que atualmente tem 34 anos. “Pra mim foi muito complicado terminar o colegial, foi bem aos empurrões. Quase não consegui porque tinha de ficar com a bebê,

e meus pais não me ajudaram o quanto eu esperava”, explica Beatriz, que aos 16 anos teve sua primeira filha, Larissa.

Assim como a gravidez, momento de crescimento e amadurecimento do embrião, a adolescência também é um período de mudanças, na maioria das vezes conturbada. É uma etapa em que o indivíduo faz descobertas sobre o mundo e enfrenta conflitos variados, principalmente dentro de seu próprio lar, onde diversas vezes suas ideias não correspondem com a de seus familiares. É a transição da infância para a fase adulta, momento de desenvolvimento humano: físico, social e intelectual, que influenciará diretamente em suas escolhas futuras.

Juntas, gravidez e adolescência geram uma série de consequências drásticas na vida dos envolvidos, pois a chegada de um novo ser nesse período é inesperada e se torna mais complexa. Na maioria das vezes os jovens não estão preparados emocionalmente para lidar com tamanha responsabilidade, e neste momento o papel da família se torna fundamental, porque ela será o alicerce que irá proporcionar segurança e tranquilidade para os jovens enfrentarem o desafio, através de conselhos, trocas de experiência e muito diálogo.

A condição social também é um fator relevante na proporção de garotas que se tornam mães precocemente. De acordo com dados do

último levantamento realizado em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a situação é especialmente grave em localidades mais carentes do país: o menor percentual de gravidez entre jovens de 15 a 19 anos é na Região Sudeste (15,2%), enquanto a Região Norte detém o maior índice (23,2%). Outro aspecto frequente é o fato de grande parte das crianças nascidas nessas condições nem chegarem a conhecer os pais, que impunes às leis estabelecidas pelo governo, abandonam as meninas sem nenhum auxílio.

É realmente difícil manter uma gravidez na adolescência, mas todas as entrevistadas garantem não se arrependerem da escolha de ter o filho. O aborto eventualmente é uma das saídas mais fáceis para solucionar o “problema” em curto prazo, porém, segundo pesquisas médicas,

produz uma série de doenças no organismo da mulher, podendo até se tornar incapaz de ter outros filhos futuramente, além de se tornar um peso que a consciência irá levar pelo restante da vida.

Juliana de Rosa tornou-se mãe de Manuella aos 17 anos. Hoje, após seis anos, ela fala com emoção sobre o que passou e compartilha uma mensagem para aquelas que vivenciam a mesma situação: “Ter um filho é dar sentido a sua vida, você tem por quem acordar todos os dias e ir lutar pelos seus objetivos. Sei que não é fácil sendo nova, mas também não é a pior coisa do mundo. Minha filha foi a melhor coisa que aconteceu pra mim e posso garantir: ser mãe é a melhor coisa do mundo! Beijem, abraçam, mordam, mimem com muito carinho seus filhos, porque logo eles estarão pelo mundão...”.



O jovem casal curte a filha Laura, de 6 anos



## Futebol de cegos

# Um outro olhar

Mathias Duncan Brotero

“É difícil expressar palavras para explicar o que sinto em relação ao esporte.” - Joilson Santiago

O clima estava seco. Dessa vez, o time do técnico Rinaldo Cural jogava nas arquibancadas e doava todas as suas energias à equipe de Pelotas. O bronze dos gaúchos significaria a classificação dos paulistas para a série B do campeonato brasileiro. Como é complicado depender de pessoas alheias. No fim, as energias positivas renderam o bronze para os pelotenses – e uma vaga na série B para o CESEC (Centro de Emancipação Social e Esportivo de Cegos), time de São Paulo. “Ficamos muito contentes com o resultado no Campeonato Regional Sul”, disse o presidente e fundador do CESEC, Irineu, que volta do Rio Grande do Sul para fazer um churrasco na capital paulista,

em homenagem aos jogadores do time.

Poucos sabem, mas o Brasil é tricampeão mundial e dono da maior quantidade de títulos de futebol de cinco. O jogo segue as normas da FIFA, com algumas alterações. O campo é menor, as traves mais espaçadas, e o mais importante, só o goleiro consegue ver. Os outros quatro jogadores em campo são deficientes visuais e jogam com uma bola que contém guizos, para que eles consigam se orientar a partir do som. Além da área de atuação do goleiro ser menor, há “bandas” laterais que permitem que o jogador colida com os lados do campo sem se machucar. Há também um “chamador” em cada equipe. Esse fica atrás do

gol do oponente e pode orientar os seus jogadores. Porém, o chamador só pode conversar com o jogador depois que esse passou da linha de meio campo – quando o jogador do seu time estiver no ataque. “Se ele falar com o jogador fora do momento certo, ele leva falta”, diz Rinaldo, enquanto explicava as regras do que considera a sua maior paixão. “Minha esposa fala ‘Não sei como você aguenta ficar com esse pessoal por tanto tempo – é muita responsabilidade.’ Eu digo que o futebol de cinco é a minha outra paixão”, fala dando risada.

Essas diferenças permitem que deficientes visuais possam jogar futebol. “Nossa ideia é fazer uma inclusão no esporte. Por que eles

## Futebol de cegos



Na copa, jogadores da seleção brasileira de futebol de cinco, comemoram o golão contra a seleção argentina

podem jogar futebol? Claro que eles podem”, disse Cural enquanto falava sobre a relação dos deficientes visuais com o esporte, “O problema é que muitas pessoas não sabem como abordar o deficiente visual”. Ainda assim, o técnico do CESEC considera que da década de 90 para cá, houve um reconhecimento significativo no futebol de cinco. “Hoje podemos contar com pelo menos algum apoio, coisa que não tínhamos antigamente”.

Ainda assim, Rinaldo admite que um dos maiores problemas que o time encontra atualmente é um lugar para treinar. Os três treinos semanais foram diminuídos para um, pois durante a semana, poucas pessoas compareciam – muitas vezes por dificuldades de locomoção. Assim, os seus horários de treino foram cedidos para outros times que estavam sempre completos.

“Muitas vezes eles se perdem no caminho do treino. Para evitar esse tipo de coisa, eles marcam em alguma estação de metro e saem juntos – em no mínimo dois – uns ajudando os outros” diz Cural, com certa preocupação, “É um esporte em que eles convivem com pessoas na mesma condição em que eles se encontram. Para eles é muito produtivo. Muito mais importante do que imaginamos”. Mesmo preocupados com a perda de dois dias de treino, a comissão técnica se mostra esperançosa quanto aos futuros benefícios que o time possa receber após a conquista de uma vaga na série B.

“Ficamos realmente muito felizes com essa conquista”, disse o presidente do CESEC, que é deficiente visual desde os seis anos de idade. “O esporte é muito importante na minha vida. Sou um dos

fundadores do CESEC e já fui jogador da seleção brasileira de futebol de cinco – joguei até os 50 anos de idade”. A relação dos jogadores de futebol de cinco com o esporte parece ser outra da de muitos jogadores profissionais com o futebol comum. “Eles aprendem a lidar com o medo”, diz Cural, “Procuro sempre orientar os meus atletas a ser independentes. Aqueles que têm deficiência há mais tempo são mais confiantes dentro de campo – claro, estão mais acostumados com a deficiência”.

Joilson Santiago, de 26 anos, é um professor de escola pública na Bahia, e sofre com deficiência visual. “Perdi toda a minha visão aos treze anos. Quando eu enxergava, gostava muito de jogar futebol, mas só descobri o futebol de cinco a três anos. Foi um marco na minha vida”. O estudante de

*“É difícil expressar palavras para explicar o que sinto em relação ao esporte. Hoje resumo a minha vida antes e depois do futebol de cinco”.*

pedagogia afirma que o esporte é uma das coisas mais importantes da vida dele.

Segundo Joilson, o futebol de cinco possibilita a “sensação de liberdade e oportunidade de competir, conhecer novos lugares e pessoas, o direito ao esporte e lazer – em fim, me sinto um cidadão normal”.

Apesar de o futebol de cinco ser derivado do futebol, a importância do esporte para os jogadores com deficiência visual parece tomar um viés muito mais intenso do que para os profissionais do futebol. A maior evidência disso é o fato de a inclusão social ser o fator que traz mais alegria a todos que se encontram em meio ao esporte. Rinaldo Cural está junto do CESEC há vinte anos e considera o esporte uma das suas maiores paixões – apesar de enxergar perfeitamente. Irineu – envolvido no esporte desde a década de 60 – já participou de toda forma que pôde no futebol de cinco, e continua empolgado com o esporte. Mas o depoimento de Joilson é a pura definição do



Jogador se prepara para cortar e marcar um golão durante o jogo

que o esporte representa. Nenhum dos entrevistados reclamou de não receber nada para jogar, muito menos de burocracia e desigualdade – coisa que é frequentemente vista no futebol comum. Ironicamente, esse é o futebol que o povo gosta de assistir – mesmo que isso se deva ao desconhecimento do futebol de

cinco. Quando os torcedores brasileiros se cansarem das convivas polêmicas e das rivalidades que muitas vezes são mais nocivas do que saudáveis – terão a chance de ver o que não é visto por aqueles que fazem aquilo acontecer. E ainda ganharão uma verdadeira lição de humildade.



A realidade dos  
**alunos cotistas**  
nas universidades  
brasileiras

Laísa Dall'Agnol



Divulgação

Campus Alpha da UFABC, em São Bernardo do Campo (SP)

Um dos principais problemas enfrentados hoje pelo Brasil é a desigualdade social. Essa questão está diretamente ligada a estruturas profundas históricas, cuja premissa foi sempre a de manter os privilégios de uma aristocracia burguesa e a de marginalizar a camada pobre e fornecedora de mão-de-obra barata. O acesso à educação e à cultura foi sempre exclusividade da elite, o que contribuiu para um ciclo vicioso e progressivo de disparidade de classes e, conseqüentemente, de raças.

A política de cotas começou a ser implantada no Brasil em 1968, com uma lei que garantia o acesso de filhos de fazendeiros ao ensino superior, chamada “Lei do Boi”. Essa lei não existe mais, pois os objetivos foram alcançados. No entanto, a partir do governo Lula, começou a ideia da implantação do sistema de cotas raciais e sócio-econômicas para ingresso em universidades públicas. O projeto foi levado a cabo durante o atual governo Dilma, sendo sancionada uma lei em agosto de 2012 que garante a reserva de 50% das matrículas por curso a alunos cotistas.

Foi gerada grande polêmica em torno desse assunto, por parte da classe média em geral e potencializada pela espetacularização da mídia.

Em nome da meritocracia, gritou-se muito contra o sistema de cotas, uma vez que esta seria uma forma de “roubar” a vaga de outros candidatos. Além disso, foi recorrentemente especulada a possibilidade de que

o desempenho dos alunos cotistas não corresponderse às expectativas de excelência de uma universidade pública, o que poderia levar a um decaimento do nível destas instituições.

Aluno do curso de Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), Bernardo Carvalho, 22, afirma que hoje está adaptado, mas que o início da graduação foi complicado: “Foi um choque muito grande pra mim. Nunca tinha estudado de verdade, a escola pública sempre foi muito sucateada, aí você entra em uma universidade pública cheia de demandas e com muita correria. Tive muitas dificuldades, mas com o passar do tempo eu fui me acostumando. Tive até uma evolução no CR [coeficiente de rendimento]”.

Bernardo entrou em 2010 no BCT (Bacharelado em Ciência e Tecnologia) e em 2011 no BCH (Bacharelado em Ciências Humanas), onde decidiu cursar Filosofia.

Segundo ele, a Universidade oferece bolsas-auxílio para alunos (cotistas ou não) através de processo seletivo baseado em condição econômica: “No meu caso, eu corri atrás e resolvi sozinho a questão dessa defasagem acadêmica. Mas a universidade sempre me deu bolsas auxílio para eu não precisar trabalhar e ter mais tempo pra estudar”.

Segundo o também aluno da UFABC, Gabriel Farias, 22, não há discrepância nos relacionamentos entre cotistas e não-cotistas e a universidade.

O estudante, que se encaixa no segundo gru-

po, diz: “A premissa da inclusividade, de construir uma universidade mais aberta e, em alguma medida, igualitária, já tá no DNA da UFABC desde quando ela foi idealizada”.

Para ele, a Lei de Cotas não mudou muita coisa dentro da universidade: “Já existia uma política de cotas consolidada na faculdade então, dentro do nosso contexto. Não houve ruptura, tudo transcorreu com alguma naturalidade e esse padrão de igualdade entre cotistas e não cotistas que já existia antes da lei de cotas se manteve ao longo do tempo”.

O colega Bernardo acrescenta que, mesmo não observando nenhum tipo de preconceito pelo fato de ser cotista no dia a dia de aulas, uma vez foi surpreendido: “Na minha primeira semana de aula outro aluno veio falar na minha cara que eu, por ser cotista, tinha roubado a vaga dele na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e que por isso ele tinha vindo parar na UFABC.”

Marcela D’Almeida, 19, estudante de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ingressou na instituição através de cota racial: “Minha mãe é negra e meu pai, branco. Desde que entrei aqui, posso te dizer que nunca sofri nenhum tipo de preconceito. Na verdade, a única vez que senti isso foi fora daqui, quando ouvi uma menina com a qual eu estudei na escola falar que era um absurdo a “filha da em-

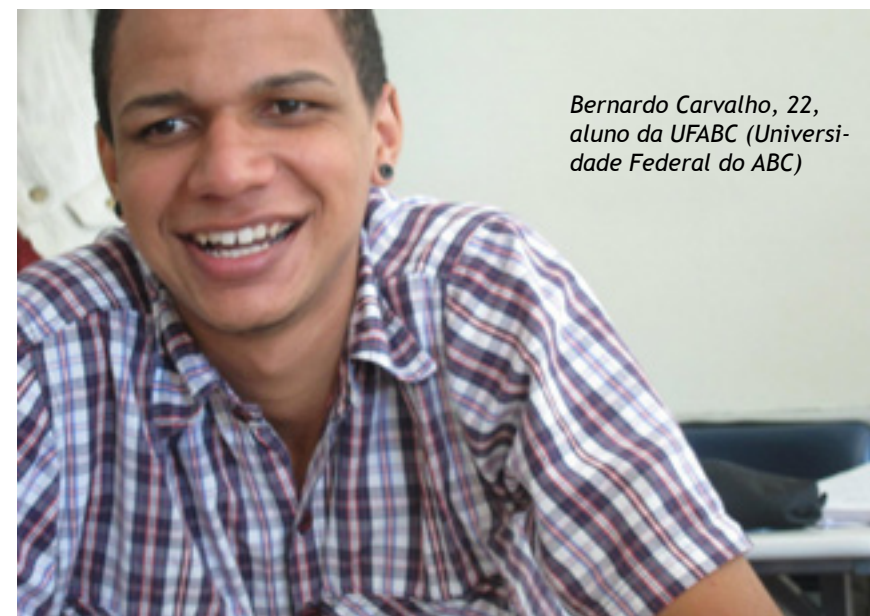
pregada” (detalhe: minha mãe é professora) ter entrado numa universidade pública e outros colegas nossos, incluindo ela, não. Era claro que o ressentimento dela era não só por eu ter estudado em escola pública e ter conseguido uma vaga (até porque nós temos condição socioeconômica parecida), mas também por causa da minha cor”.

Quando perguntada sobre a existência de uma dificuldade relacionada ao desempenho acadêmico por parte de alunos cotistas, Marcela responde: “Eu, pessoalmente, tive bastante dificuldade de acompanhar o ritmo e o próprio conteúdo. Consegui melhorar, um pouco, porque a UFSCar oferece aulas de nivelamento para cotistas. Mas acredito que essa melhora se deu mesmo por causa do meu empenho. Não é nada de outro mundo, também: prestando atenção nas aulas, cumprindo a lista de leitura e tirando dúvidas, o resto meio que vem, já”.

Bernardo e Marcela, atualmente, vivem na cidade de suas universidades (São Bernardo e São Carlos), e contam com o auxílio que as instituições lhes dão, bem como com a ajuda de seus pais. Por enquanto, não é possível estagiarem, pois ambos os cursos são integrais, mas planejam para o futuro.

Apesar das especulações, dúvidas e discussões, não é possível se ter ainda uma resposta concreta e definitiva

de como será, a longo prazo, a vida dos alunos cotistas dentro das universidades, nem se estas ou o ensino sofrerão mudanças. Mas o que se pode saber é que, de uma maneira geral, esses alunos vêm levando uma vida acadêmica compatível com a de qualquer aluno da chamada “ampla concorrência”. E que, além disso, é possível que o nível dessas instituições inclusive suba, uma vez que esses alunos se mostram tão ou mais dispostos e empenhados do que os demais. Isso não vai ser problema se depender de Bernardo e Marcela.



Bernardo Carvalho, 22, aluno da UFABC (Universidade Federal do ABC)

Divulgação

Adoração

à

fantasia

*O universo do rock se estende a cada dia. Hoje, o que não passava de imitação, já cria performance individual e tem o próprio fã clube*

Juliana Milan

Membro da banda Honey Badger



Arquivo Pessoal

## TESTANDO: SOM

Os adeptos ao gênero musical que eclodiu nos anos 50w fizeram dos acordes pesados, seu estilo de vida. O universo multifacetado do Rock serviu de base para diversos outros patamares da música e abriu as portas para milhares de pessoas que sonhavam viver dos sons de seus instrumentos. Seu auge de criação e originalidade atingido nas décadas de 80 e 90 influenciaram diversas gerações e marcaram a história. E é com base nessa imortalidade cultural que surgem, com ainda mais força atualmente, bandas que se propõem ao que antes seria condenado: a imitação.

“Nosso cover surgiu porque queríamos participar de um festival organizado pelo Manifesto, um bar que frequentamos em São Paulo, no Itaim Bibi. Nos conhecemos na faculdade e costumávamos nos reunir na minha república para tocar guitarra. Sempre preferimos bandas com um rock mais “pesado”, como a maioria define o subgênero metal, mas decidimos focar naquela que acreditávamos ser a que interpretávamos melhor, a Black Label Society e, hoje, somos a banda cover oficial no Brasil, reconhecida pelos próprios músicos originais”, conta Rômulo Eduardo Ambar, vocalista da banda Honey Badger, cover oficial da norte-americana Black Label Society.

## DO QUINTAL DE CASA PARA DEBAIXO DOS HOLOFOTES

Meses para estudo do comportamento de seus ídolos no palco, identificação do padrão de figurino, investimento nas roupas e equipamentos, além dos dias de ensaio e aprendizado técnico, a formação de um cover é, acima de tudo, a manifestação da admiração por uma obra. O ser fã. De amigos que tocavam as músicas preferidas nos churrascos a uma banda contratada para se apresentar em casas de shows e que atraem fãs daquilo que sabidamente reproduzem. O cover é o ator em cima de um palco que está fora do teatro, que possibilita a aproximação daquele que ama ao objeto adorado e que, na verdade, está a quilômetros de distância ou até mesmo nem existe mais, são a provocação das emoções do fone de ouvido em uma experiência viva.

O baixista da banda Eu, a Véia e os Cara, que não se limita apenas ao cover dos americanos da Red Hot Chili Peppers, como, paralelamente, também interpretam os brasileiros de Charlie Brown Jr., mostra o alcance que os interioranos estão conseguindo com seu som. “Nossos primeiros shows pra um público de verdade foram num festival independente de Limeira, chamado Brejarock, uma iniciativa de um

amigo nosso, que nos convidou para participar. Depois disso, outro pessoal que também tocou no festival começou a nos chamar para abrir seus shows em bares que só recebiam covers de rock e, desde então, tudo se engrenou. Hoje, somos chamados para tocar por toda a região. Acredito que grande parte disso se deve ao que o nosso público propaga. As pessoas que nos assistem, em geral, são aquelas que curtem a música dos anos 90 e 2000, sentem falta desse tipo de trabalho e podem lembrar aquela emoção por algumas horas. Nosso nome foi construído nas redes sociais, em cada conversa em que a balada da noite anterior era elogiada”, comemora Vitor Penteadou.

## TAMBÉM ARRASTAM MULTIDÕES

Pegando carona na fama já consagrada dos grandes nomes do rock no cenário mundial, as bandas cover encontram grande espaço para seus shows. Desde entretenimento da noite para pequenos bares, até eventos de grande porte em homenagem às lendárias bandas originais, o hábito de reprodução acessível fez surgir novos espaços de lazer. Não é difícil se encontrar pela cidade, bares focados exclusivamente em sediar apresentações de covers e seguidores assíduos.

Foi assim que a banda Honey Badger alcançou seu fã clube, formado por mais de 1000 integrantes. “Conhecemos os meninos pelo fã clube da banda oficial e, então, criamos um direcionado ao cover. Eles são muito bons e, como admiradores da arte do Black Label Society, nos vemos na obrigação de apoiar aqueles que a reproduzem em um trabalho tão bem feito”, conta Ricardo Averbach, presidente da organização Hell’s Kitchen.

## ALÉM DA SIMPLES ADMIRAÇÃO

O encantamento por uma manifestação cultural, seja ela musical, teatral ou na dança, é realidade na vida de todas as pessoas. A arte é a manifestação mais pura do sentimento humano, transformando em palavra, som ou movimento aquilo que é sentido e difícil de se decifrar, e é essa exteriorização que atrai e aproxima os indivíduos. A doutora em psicologia Marcela Hipólito explica que, apesar do que muitos acreditam, a idolatria é benéfica “o ser humano consegue o auto conhecimento a partir do que expressa. Assim, a busca por modelos nos quais se identifique é natural”, explica.

E para aqueles que, além da inspiração, buscaram

no trabalho do ídolo o seu próprio modo de vida, a filosofia também se aplica “o cover deve ter a noção de que o que ele está fazendo é uma interpretação, a imitação daquilo que já existe e que não é dele. Todos sabemos que ele não está tentando se passar pelo cantor verdadeiro. A representação é uma das maneiras mais fortes de se homenagear um ídolo. Mas isso não pode ir além de uma postura profissional e jamais influenciar no comportamento da vida pessoal e na personalidade fora dos palcos”, afirma Marcela.

## TRAÇANDO O PRÓPRIO CAMINHO

Com o espaço aberto pela reprodução do já famigerado, muitos dos cover encontram a possibilidade de desenvolver o próprio trabalho e vão em busca da produção de um disco de própria autoria.

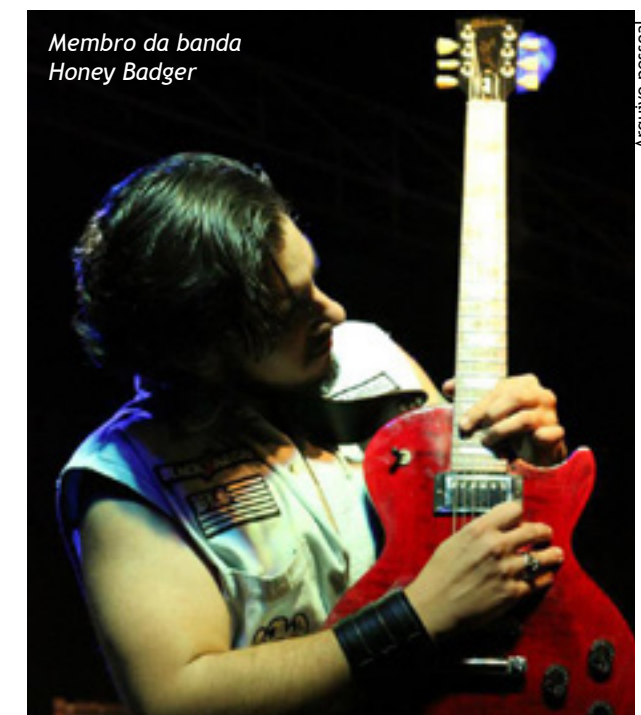
“Já estamos direcionando o dinheiro arrecadado com os shows como cover para a gravação de um EP – Extended Play – com músicas próprias. Nossa base de inspiração sempre será a Black Label, mas a criatividade é despertada a cada nova apresentação que fazemos”, reforça Rômulo.

“É muito difícil ingressar no ramo da música, mas desse obstáculo inicial nós já passamos. Já encaramos shows vazios e atualmente temos shows agendados em mais de doze cidades, como Limeira, Leme, Piracicaba, Araras, Americana, Nova Odessa, Rio Claro, Campinas, Pouso Alegre e Alfenas.”



Membros da banda Eu, a Véia e os Caras

Arquivo pessoal



Membro da banda Honey Badger

Arquivo pessoal



Paula Forster

# De gota em gota

Economizar água é rotina de shopping e de donas de casas

Paula Forster

“Pelo fato de eu sofrer com a falta de água, a começar lá da minha terra, a gente sabe o valor da água e água é ouro”, diz a nordestina Edenice Teixeira da Silva de 76 anos que viveu sua infância e adolescência no estado da Bahia, presenciando todos os dias a mesma cena: “Tínhamos que andar léguas com a lata para ir buscar água para beber, para armazenar em potes, para tomar banho de bacia”. Ao chegar em São Paulo, há 58 anos, ficou indignada com a forma como as pessoas se aproveitam da abundância desse recurso natural: “O paulistano usa água à vontade”, diz Edenice. “O desperdício aqui é muito grande”.

Segundo o professor de educação ambiental, práticas sustentáveis e responsabilidade socioambiental, Ricardo Pires, graduado pela Universidade de São Paulo (USP) em história e geografia, as pessoas sempre tiveram uma falsa visão de que os recursos naturais são infinitos. Ainda segundo ele, hoje, trabalhos acadêmicos e movimentos em defesa ao meio ambiente ajudam a expandir as discussões ambientalistas. Pires ressalta que a “mercantilização do ‘sustentável’ e do ‘ecologicamente correto’ contribuiu para um interesse crescente pelo tema”.

O Santana Parque Shopping, centro de compras na zona Norte de São Paulo foi construído em 2007 com projetos de racionalização de água e de energia. O empreendimento usa uma quantidade pequena de água da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), reduzindo os seus gastos financeiros. Cerca de 50% do shopping são abastecidos por dois poços artesianos, além de contar com uma estação de tratamento de água, para onde vai, através de bombas, tudo o que é utilizado no banheiro e nas lojas.

A água é tratada em processos dinâmicos, que envolve desde o reator biológico, onde estão as colônias de bactérias que se alimentam da matéria orgânica, até o filtro de membrana, que retira as impurezas finais. Esse filtro passou a funcionar em outubro de 2013,

sendo a primeira estação de tratamento de membrana instalada em shopping no Brasil.

Ricardo Gonçalves Omar, responsável pela área de operação do estabelecimento, explica: “A Sabesp tem duas tarifas, a de água e a de esgoto. Se eu usasse a água da Sabesp pagaria em média por um m<sup>3</sup> de água, R\$12,50 e mais R\$12,50 de esgoto. Como o meu consumo de 5000 m<sup>3</sup>/mês vem dos poços, a Sabesp só cobra a tarifa de esgoto e os outros 3000 m<sup>3</sup>/mês que vem da estação de tratamento, a Sabesp teoricamente não vê, porque é um ciclo fechado”. O shopping paga



Colônias de bactérias presentes no reator biológico do sistema de tratamento de água do Santana Parque Shopping

R\$5/ m<sup>3</sup> por essa água, contra os R\$25/m<sup>3</sup> que pagaria à Sabesp.

A ideia do projeto veio com o apagão de 2001 e, embora Omar acredite que falte mudar os hábitos do “maior vilão” - o consumidor doméstico -, o empreendimento consegue transmitir uma mensagem sustentável ao público.

Ricardo Pires acredita que para reverter o comportamento das pessoas “faz-se necessário que o uso desse recurso [a água] seja cobrado pelo seu real valor e importância (...) de maneira que o consumidor compreenda o custo real daquilo que utiliza”.

Edenice tem essa conscientização. Além da rotina de economizar, reaproveitando a água da máquina de lavar para lavar os panos de chão e depois a usando para limpar o quintal, ela tem uma caixa que capta a água da chuva. “Uma das coisas que eu sempre gostei foi de plantas e não era justo, eu tendo

seiz: “Quando eu era moça, tive que fazer um poço artesiano, porque faltou água”, diz. Ela lembra também que tomava banho de bacia. “Hoje, quando meus netos demoram no banho, eu falo: anda logo, desliga isso aí que a água um dia vai faltar”, conta Lucia sorrindo e gesticulando com as mãos.

Consciente de que a água não é um recurso infinito, Lucia passa pano úmido em toda casa. Há dez anos, usava a mangueira para lavar a garagem semanalmente, hoje, usa duas vezes ao mês. Além disso, ela reaproveita a água do tanque para limpar o fundo do quintal e espera acumular a roupa, para lavar apenas uma vez por semana. Ela explica que não usa equipamentos sustentáveis, porque não vê necessidade, pois mora sozinha e já adota medidas econômicas: “Eu espero para dar a descarga”, diz Lucia. “Coloco desinfetante e descarga só uma vez ao dia, pela manhã”.

O mesmo acontece com Edenice, que apesar de conhecer os



Senhora Edenice tem uma caixa que reaproveita a água da chuva

equipamentos sustentáveis, não vê necessidade em usá-los: “Estabelecimentos comerciais tem aquelas torneiras que a gente aperta, abre o suficiente e já desliga”, lembra. Torneiras como essas, fazem parte da infraestrutura dos banheiros do Santana Parque Shopping. Segundo Omar, elas “consomem de 2,5 a 3 m<sup>3</sup> de água, reduzindo quase 50% do consumo” em comparação a uma torneira convencional. Essas medidas sustentáveis têm uma nítida receptividade do público. “Entre os elogios que o shopping recebe do SAC, 30% são de

pessoas comentando que o Santana Parque Shopping é sustentável”, diz Omar.

Segundo o professor de responsabilidade socioambiental, a exploração dos recursos naturais acontece em um ritmo acelerado e “quando observamos algo diferente nesse processo, frequentemente são ações isoladas”. Infelizmente nem a Sabesp acredita que elas possam existir. Comportamento esse que se comprova nas falas de Edenice: “A cada seis meses a Sabesp quer trocar o meu hidrômetro, porque acha que ele está quebrado”.



Estação de reuso de fluentes para reuso da água dos banheiros e das lojas do Santana parque Shopping

# Por trás das CORTINAS FECHADAS

Karina Morais



Rafael Afonso

Enquanto Murilo Gun estudava em seu notebook, Maurício Meirelles come coxinha antes do show

Um palco. Um banco. Um microfone. Nenhum cenário atrás dele. A plateia a sua frente. Bares. Teatros. Competições de TV. Abertura de programas. Festivais. Todo lugar pode ser lugar. Paulista. Gaúcho. Carioca. Baiano. Inglês. Americano. Todo mundo. Não qualquer um. Um holofote o destaca no palco. Sem figurinos. Cara limpa. Casos. Histórias. Cotidiano. Píadas. Risos. Aplausos. Stand up. Um palco. Um banco. Um microfone. Nenhum cenário atrás dele. Apenas a plateia a sua frente. Bares. Teatros. Competições de TV. Abertura de programas. Festivais.

Antes das cortinas se abrirem há um bastidor onde o clima de descontração é dominante. “Opa, tudo bom?”, Maurício Meirelles

me recepciona com a boca cheia e uma lata de cerveja na mão. É uma sala ampla com duas mesas, uma com bebidas e salgadinhos e outra onde Murilo Gun estava com seu notebook, acompanhado de sua mãe e sua esposa. Em dez minutos começava o Comédia Ao Vivo, espetáculo de humor que acontece há cinco anos no Teatro Renaissance, em São Paulo.

“Eu me preparei comendo coxinha”, o gaúcho Nando Viana diz quando pergunto como se aquece para o show. Não há muito estudo antes de subir ao palco, tudo o que deveria ser criado já foi previamente escrito e, em sua maior parte, testado em plateias ao redor do Brasil. “Esse negócio de ficar olhando antes de entrar é mais para quem tá começando”, Viana explica, “ou a gente quando vai testar

material”, completa. “Eu hoje vou testar material”, revela Meirelles, “mas dez minutos antes te subir no palco eu vou sair daqui, ler o meu texto e ver o que vou fazer”. “Pode ser uma bosta”, alerta.

Um conceito pré-definido desse gênero de humor muitas vezes o desvaloriza, acreditando que tudo é improvisação, sem seriedade. Segundo Nando Viana, o Stand Up tem espaço para as coisas criadas no momento, mas nem tudo é assim, “não se inventa uma coisa aqui, na hora, e já vai ser incrível”, conclui.

Cada artista possui sua própria técnica, abordando um tema característico que o define dentro desse mundo. Não é necessário permanecer muito tempo dentro daquela sala para perceber que o estilo de cada um é particular, desde o ba

te-papo recheado de brincadeiras até a concentração de Murilo Gun. “O Murilo tem um método mais cartesiano, no computador ele tem todas as piadas que dão certo e que não dão”, Meirelles revela o amigo. “O processo de criação, na minha opinião, existe paulista o paulista e o carioca”, Fábio Rabin categoriza, “o paulista é metódico, ele senta e escreve um texto pra depois improvisar em cena, já que muita piada a gente descobre na hora. O carioca é mais doido. Ele escreve tópicos e sai improvisando, na hora fica bom. Eles são mais soltinhos. Eu faço um pouco dos dois”.

O espaço para a improvisação dentro desse estilo é preenchido por pessoas com características marcantes da plateia, as quais motivam a criação de piadas e brin-

cadeiras envolvendo-as e tiram da confortável posição de espectador para tornarem-se parte do espetáculo. “Tem um japonês e um português”, avisa Rabin logo que volta do palco. Essa informação virou piada na hora de sortear um brinde ao final do show. “Às vezes o Obama está na plateia, aí a gente faz uma piada pro Obama”, Maurício brinca, fazendo os companheiros rirem. “Isso sempre acontece”, comenta Nando ironicamente.

Quando há recentes acontecimentos emblemáticos, quem for fazer uma piada sobre o assunto deve, segundo Maurício Meirelles, avisar durante os bastidores para que não repitam textos e conversem sobre o tema para melhor elaboração do forem preparar para o show. “Sumiu um avião na Malásia,

isso vira piada pra todo mundo”, ele comenta. Apesar do debate que eles realizam, Murilo Gun aponta isso como erro de acomodação, já que “o certo é todo mundo ficar na coxía ouvindo o outro pro espetáculo ter uma dinâmica e não ter repetição”. Porém ele diz ainda que é compreensível essa falta de prática, “problema é que esse horário aqui, meia-noite, já é escuro. Meia-noite tem gente que não chega na hora, outro tem que fazer e já se mandar porque tem outros shows na mesma noite”.

“Mas aqui nos bastidores é isso mesmo, a gente conversa, troca uma ideia, come”, Meirelles comenta, “hoje a gente tá quieto, porque a mãe do Murilo está aqui”. Todos comentam que divertem-se mais nos bastidores.



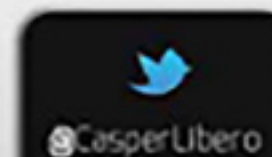
Rafael Afonso

Nando Viana nos bastidores do Comédia ao Vivo



PALESTRAS - CURSOS - EVENTOS - VISITAS MONITORADAS - WORKSHOPS - RECEPÇÕES  
 COMITADOS - AÇÕES PROMOCIONAIS - RESERVAS DE SALA - AÇÕES DE RELACIONAMENTO - REUNIÕES - CRIAÇÃO  
 PLANEJAMENTO - ORÇAMENTOS - INTEGRAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS - COFFETTERIZAÇÕES - TREATMENTS - OPEN HOUSE  
 EDITADE VISUAL - PALESTRAS - CURSOS - EVENTOS - VISITAS MONITORADAS - WORKSHOPS - RECEPÇÕES - COMITADOS - AÇÕES PROMOCIONAIS  
 RESERVAS DE SALA - AÇÕES DE RELACIONAMENTO - REUNIÕES - CRIAÇÃO - PLANEJAMENTO - ORÇAMENTOS - INTEGRAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS - COFFETTERIZAÇÕES - TREATMENTS - OPEN HOUSE - EDITADE VISUAL

Presente na sua relação com a Cásper quando você menos imagina.



# As reportagens de viagem

Prepare-se para embarcar em uma viagem pelas paisagens urbanas da cidade paulistana. Um passeio pela Cidade Universitária de São Paulo, pelo famoso e histórico bairro da Mooca, pelos curiosos lugares oferecidos pela Consolação e por um dos bairros mais velhos da São Paulo, Cambuci. A viagem se enobrece com a visita ao metro quadrado mais caro da cidade e com a passagem pela cidade imperial do Rio de Janeiro, Petrópolis.

Lugares esquecidos, frequentados, que viraram história ou que se destacam pelas curiosidades que apresentam viraram pautas das reportagens produzidas pelos alunos do segundo ano de jornalismo da Faculdade.

Paula Forster



*A Cidade Imperial*

Letícia Drewanz e Nicolle Guimarães

Mais conhecida como “Cidade Imperial” ou “Chuvópolis”, Petrópolis é uma pequena cidade do estado do Rio de Janeiro, apesar de ser a maior e a mais populosa da região serrana fluminense. Ao entrar na cidade já podemos identificar uma arquitetura histórica, uma vegetação muito bem cuidada, e um clima ameno – com verões úmidos e invernos secos. Mas o verão estava bem forte na nossa visita, porém que não nos impediu de conhecer os principais pontos turísticos e principalmente aqueles lugares que nem sempre são prioridade para os visitantes.

Localizada no topo da Serra da Estrela, não poderíamos deixar de contar como nasceu a cidade. Numa passagem de Dom Pedro I, a caminho de Minas Gerais pelo Caminho do Ouro, acabou hospedando-se na fazenda do padre Correia, encantou-se pela região e resolveu comprar sua própria fazenda por lá. Dom Pedro II deu continuidade nos planos dando origem ao Palácio da Concórdia, por isso tantas características imperiais estão presentes

na rotina de Petrópolis.

O turismo ainda é uma das principais fontes econômicas de Petrópolis, caminhando pelos bairros é fácil identificar as famílias e casais de turistas, a maioria deles apreciando a parte gastronômica, os chocolates são muito famosos, as cervejas são uma das atrações para os homens, e não poderíamos deixar de lembrar das fábricas de roupas que nós adoramos. A cidade é o segundo maior polo cervejeiro do país, onde a sede do Grupo Petrópolis foi fundada.

O trajeto é simples; a cidade é pequena e os pontos principais conseguem ser vistos durante uma caminhada, porém não recomendada no verão, quando as temperaturas podem chegar facilmente aos 35 graus. Começando pela Rua do Imperador, a principal rua da cidade, mais conhecida como a “Avenida”. É o ponto de referência dos petropolitanos. Lá você encontra de tudo um pouco: restaurantes, lojas de sapato/roupas, papelarias, uma feirinha hippie (que acontece a partir das quartas-feiras), e o

primeiro Mc Donald’s que a cidade recebeu (no total são dois).

Paralela à Avenida, está a Rua 16 de Março, o “point” dos jovens petropolitanos. Eles dividem seu tempo entre sentar nos bancos que foram instalados ao longo da rua para conversar, e tomar sorvete no Bob’s, que em São Paulo é considerado bem mais ou menos, mas agrada o gosto dos cariocas.

Perto dali também se encontra o principal cartão-postal de Petrópolis, o Museu Imperial. Primeiro de tudo: entrar, só de pantufas. Chega a ser estranho no começo, mas logo você fica com vontade de sair deslizando pelo chão de madeira, já que as pantufas servem para não danificar o piso original. Além disso, vários objetos, cômodos com a disposição original, pinturas e hábitos da época ficam dispostos no museu, além de ter um jardim muito agradável do lado de fora, que serve não apenas para turismo, mas também para os casais apaixonados namorarem embaixo das árvores.

Um pouco adiante passamos

pelo Colégio Ipiranga, um dos mais tradicionais da cidade. Claudius Almeida, de 44 anos, estudou lá sua vida toda. “Foram ótimas lembranças. Por ser um colégio pequeno, e por Petrópolis ter menos gente do que agora, todos se conheciam, e as famílias eram amigas”.

Do Colégio Ipiranga você já consegue ver outro ponto muito importante, a Catedral de Petrópolis, uma Igreja suntuosa, de estilo gótico, que guarda os restos mortais do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina, em um mausoléu feito de mármore. O interior da igreja é tão impressionante quanto o lado de fora, com destaque para o Órgão fabricado no Rio de Janeiro.

Seguindo adiante, passamos pelo Palácio da Princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, e chegamos no Palácio de Cristal, construído em 1884 pela mesma para receber eventos e exposições. Um dos principais eventos, inclusive, que acontece neste Palácio de vidro desde 1989 é a Bauernfest. Vale dizer que em Petrópolis há uma herança muito forte dos imigrantes europeus na cidade, por ser totalmente projetada com o centro (palácio imperial, prédios públicos, comércios e serviços), antes era rodeado por “quarteirões imperiais”, onde as famílias de agricultores alemães se instalavam, muitos deles vinham trabalhar na indústria de tecidos. Dito isso, o “Bauernfest” é uma tradicional festa alemã que acontece todos os anos, durante o final de junho e começo de julho. A festa é marcada por danças típicas e espetáculos, mas o destaque fica para os comes e bebes. Salsichão, Schnitzel (parecido com um filé-mignon empanado acompanhado de salada de batata), e cerveja, muita cerveja.



Catedral de São Pedro de Alcântara, onde estão enterrados Dom Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina

Falando em cerveja, em Petrópolis são fabricadas duas das cervejas mais conhecidas do Brasil: a Bohemia e a Itaipava. A fábrica da Bohemia fica, coincidentemente ou não, do lado do Palácio de Cristal, aberta para visitantes que se interessam pelo processo de fermentação do líquido, e ainda podem visitar o bar que os espera do lado de fora, com cerveja gelada e petiscos diversos.

Perto dali, virando à esquerda na fábrica da Bohemia, se andarmos reto chegamos à Praça da Liberdade, com parquinhos, barzinhos e passeios de bodinho, sim, bode, que animam as crianças nos dias de verão. A principal faculdade da cidade, a Universidade Católica de Petrópolis, se encontra em uma das ruas que caem na praça, com um relógio de Hortências muito bem cuidado na sua fachada. Do lado, a casa de Santos Dumont. O aviador construiu a peculiar moradia depois de ser convidado pela Princesa Isabel para passar seus veraneios lá. A começar pela escada da entrada, que deve ser subida com um pé diferen-

te por degrau, a casa conta com o primeiro chuveiro de água quente do Brasil, feito por Dumont, além de não existir divisão entre cômodos do lado de dentro.

Uma das outras ruas que passa pela praça é a famosa Avenida Koeller, importante pelas mansões que ocupam seus dois lados, separados pelas águas do Rio Piabanha. Cada casa tem sua história, e gera curiosidade em todos os que passam. Uma das primeiras casas, no começo da avenida, chama a atenção de Alércia Bezerra. É uma das que não foi conservada, e está em estado deplorável; por um tempo até foi reformada, mas logo foi abandonada novamente. “Eu sou encantada com essa casa. Você sabia que os ladrilhos embaixo das telhas vieram de Portugal?”, diz fascinada. “Eu acho uma pena ela estar assim, com o mato grande, e você nunca sabe que tipo de pessoas ficam lá dentro, devem ser drogados”. Pergunto para ela se a casa sempre esteve assim, e ela responde decepcionada. “Eu moro aqui desde 1971, e a casa sem



Mansão Tavares Guerra, conhecida como Casa Petrópolis, localizada na Avenida Ipiranga no centro da cidade

pre esteve abandonada. Parece que uns ricaços do Rio compraram ela há muito tempo, mas como ela está deteriorada, ninguém quer comprar, aí parou no tempo”.

A Avenida tem uma das vistas mais bonitas da cidade, porque no seu outro extremo, voltamos para a Catedral, e rende sempre boas fotos.

Porém, durante e após esse passeio todo, é importante comer, e Petrópolis oferece ótimos restaurantes a preços muito acessíveis. Se você quer algo rápido e prático, esqueça o Mc Donald's e o Bob's. A pedida é ir na Casa do Alemão, famosa franquia petropolitana que se encontra também na baixada carioca, e conta com duas lojas na cidade. Lá você pode pedir o combo completo: croquete de carne, pão com lingüiça alemã e um chopp gelado. Mas se prepare para comer mais; pode parecer simples, mas é apreciado tanto por locais quanto por turistas.

Se você procura algo mais tradicional, a escolha é o Majórica, uma típica churrascaria petropolitana que serve a cidade e seus turistas há mais de 50 anos. Para quem gosta mais de frutos do mar, tem a Vivenda do Bacalhau na Rua Treze de Maio, próxima a Catedral. Perto de Petrópolis fica o distrito Itaipava (lembra da cerveja? A Fábrica fica lá), e a conhecida “região dos lagos”, que também oferece bistrôs e restaurantes pequenos, como a pizzaria do Renato, que serve junto com sua esposa deliciosas pizzas em uma casinha perto da estrada para Pedro do Rio, e também tem um atelier no andar de cima com os quadros de Ana.

A parte de doces pode ser conferida na Willemssen, uma loja de tortas, bolos e outros doces, e também na Doces Húngaros, uma loji-



Palácio de Cristal, Petrópolis - RJ

nha que não aparenta muito quando vista por fora, mas que comandada por Miklos e sua família, refugiados da Segunda Guerra Mundial, produzem os melhores mil-folhas já vistos. “Nós fomos muito bem acolhidos no Brasil. Quando chegamos aqui, fomos para Teresópolis, e começamos a vender nossos doces em uma Kombi. Em 1962 metade da família veio para cá, e nunca mais quisermos sair. Petrópolis nos abraçou e eu gosto muito dessa cidade, mas gosto principalmente de fazer meus doces e ver que as pessoas estão gostando”, disse o patriarca húngaro.

O conceito de “cidade para férias” já é antiquado, principalmente para Alécia Maria Bezerra, de 65 anos, que se recorda quando se mudou para a cidade, no fim dos anos 60: “Eu, meu marido e meus filhos morávamos em São Paulo, mas o resto da minha família morava no Rio de Janeiro. O Hubertus (marido) queria se livrar da cidade

grande, e São Paulo, nos anos 70, estava começando a ficar muito caótico. Quando começamos a procurar casas em Petrópolis, vimos essa e nos apaixonamos, e eu estou aqui desde então”. A casa em questão se encontra no centro da cidade, e é destaque na rua pela sua opulência. Rosa clara, com jardins bem cuidados e um gramado grande, a casa já é centenária e tombada. Hubertus faleceu há 23 anos, mas Alécia quis manter a casa por ser o maior xodó do marido. “Ele imaginava que ficaríamos aqui até o fim das nossas vidas, e por isso acho importante continuar nela. Já é parte de mim, e me doi pensar em ter que sair daqui”.

Petrópolis hoje em dia é moradia de muitas pessoas, mas não se deve perder a chance de visitar essa cidade que tem tanto a oferecer, desde uma excelente culinária a pontos turísticos extremamente bem conservados que são o orgulho de todos que moram lá.



# Pingo verde no concreto cinza

Luanna Martins e Natália Petroni

Chácara Maria é o nome como era conhecido o bairro que hoje o metro quadrado mais caro da cidade: a Vila Nova Conceição. Era, até o começo do século XX, basicamente uma zona rural cheia de cuganjeiros que abasteciam a cidade de São Paulo. Hoje nem dá mais para imaginar a cidade sem esse bairro, engolido pelo rápido desenvolvimento urbano da Zona Sul.

Em meio as mais diversas lojas de grife - que vão da “falida” Daslu às sócias Le Lis Blanc, John John

e Bobô Store - e com escargot em uma esquina e, como no passado, conseguem apreciar um pouco da natureza que sobrou e até mesmo colher algumas frutas “do pé”, como nossos avós costumavam falar.

É um pequeno quadrilátero, quando comparado a imensidão da cidade, mas seus 450 metros de área verde tornam-se perfeitos para quem mora ou passa por ali.

Essa é a praça Pereira Coutinho, que desabrocha jabuticabas, cajú e amoras em seu verde bem cuida-

do e estende-se da rua Baltazar da Veiga a Domingos Fernandes. Pessoas passeiam com seus cachorros, babás brincam com seus bebês e crianças escalam a enorme casinha de madeira com escorregador que encontra-se do lado direito.

As babás, aliás, parecem ser as principais frequentadoras da praça nos dias de semana e as vezes até aos finais de semana e feriados - mesmo que em menor quantidade.

Forma-se uma reunião de mulheres vestidas todas iguais: a camisa branca por baixo do avental branco

om aqueles sapatinhos brancos que vão ficando pretos em volta com o passar do tempo e o acúmulo da sujeira. “É por que elas não param de fofocar sobre as patroas, o marido das patroas e tudo o mais sobre as casas que trabalham”.

Nos aproximamos de uma delas, Regina, que ficou tímida frente a nossa inusitada abordagem. Aos poucos viu que queríamos apenas conversar e contou que era babá a pouco tempo e que gostava de trabalhar com isso por que “Ganha bem sabe? Além disso, eu não faço mais nada além de cuidar do Guilherme.

Eles tem empregada e cozinheira”. Ao perguntarmos se ela não tinha medo de ficar em uma praça com uma criança pequena em uma cidade violenta como São Paulo ela arregalou as sombrancelhas: “Claro que não! Aqui é muito seguro, tem câmara em todos os prédios e os seguranças sempre estão de olho, qualquer coisa que acontece eles chamam a polícia”.

A quantidade de seguranças realmente é de assustar, eram dois em cada lado de cada um dos portões. As construções do Edifício Piazza di Spagna, Edifício Chateau Lafite, Edifício e Edifício Santorini, que circundam a pequenina Mata Atlântica, parecem verdadeiras fortalezas. A maioria tem portões de ferro grossos e o olhar dos guardiões não é muito



Divulgação

*Todos os dias babies sisters passeiam as as ciranças na praça Conceição*

convidativo.

Nem bem estacionamos o carro e eles já olhavam para ver quem é que chegava. Talvez por sermos mulheres, estarmos bem arrumadas e levarmos um papel e uma caneta na mão, logo desviaram o olhar, se preocupando em procurar alguma outra coisa fora do normal. O silêncio é tanto, qualquer conversa mais alta é sinônimo de comprometer-se a uma minuciosa observação.

Além das costumeiras babás fofoqueiras, muitas pessoas iam e vinham com seus cachorros de pedigree: pintchers, poodles, yorkshires, bichons freeze, labradores, beagles, shitsus. Todos eles reboavam alegremente enquanto andavam presos em suas coleiras de couro, provavelmente pensando na ração importada que vão

receber depois do passeio. Cestos de lixo e puxadores de saquinhos plásticos foram localizados estrategicamente para que as fezes dos animais sejam recolhidas e não sujem o chão.

No coração da Coutinho, histórias revelam a identidade do lugar: “Aqui é um espaço público democrático que reúne a classe média que já morava a um tempo por perto e os novos moradores desses prédios enormes”, afirma o septuagenário gerente da banca de jornal que está ali a quase 20 anos, Ademar Damasceno - ou simplesmente Dema, como os clientes mais antigos o apelidaram.

Muito divertido, nos contou que há 10 anos atrás alguns taxistas acharam galinhas e galos pela região e trouxeram para a praci-

nha, na falta de um lugar melhor para abrigá-los. O fato atraiu moradores e pessoas que vinham mostrar para as crianças os “bichinhos”: “Muitas dessas crianças aqui da cidade nunca viram essas aves de perto e por isso se tornaram atração”. Mas a brincadeira logo acabou quando a administração dos prédios próximos resolveu mandá-las para outro lugar, alegando que o canto dos galos no amanhecer atrapalhava o sono dos condôminos.

Até por que coberturas avaliadas em mais de 22 milhões de reais não condizem com algo tão “do interior”, como afirmou Rafaella, moradora do Clermon Ferrand. Ela conta que seus pais trabalham

como empresários e que se mudaram a cinco anos, hipnotizados pelo luxuoso apartamento e pelo sossego da Vila Nova. “Mas é um pouco difícil morar aqui. Eu lembro quando pedi um ingrediente emprestado para uma vizinha e ela quase bateu a porta na minha cara, acho que só emprestou pelo medo de ser mal falada no condomínio”.

Descobrimos que até mesmo um deputado federal - Willian Dib, do PSDB - é um dos moradores daquele perímetro e dono de um apartamento avaliado em torno de 6 milhões de reais. O slogan de sua campanha “São Bernardo, orgulho de viver aqui” chega a ser irônico quando descobrimos seu

verdadeiro endereço. O tucano tem ainda como vizinho o conselheiro executivo do Banco Itaú, Olavo Setubal Júnior e o dono do maior grupo de publicidade do Brasil (Grupo ABC de Comunicações), Nizan Guanaes.

Mas dificilmente veremos eles e outros moradores tão “ilustres” na Pereira Coutinho, uma quitanda a céu aberto que convida quem passa por ali a se deliciar com seus sabores, aromas, histórias. A maioria deles saem com seus carros blindados e nem ao menos sabem o nome de Ademar. Esqueceram de avisá-los que riqueza não traz felicidade. Nem sequer paga o que ela gasta, como já dizia Millôr Fernandes.



Divulgação

*Praça Conceição: um pedaço de verde em meio da agitada São Paulo*



# A CIDADE DENTRO DA CIDADE

Beatriz Albertoni e Kelly Miyashiro

---

Descobrimo  
as culturas e  
controvérsias  
do maior complexo  
universitário de  
São Paulo:  
a **USP**

**D**izem que é preciso uma longa viagem para se afastar da loucura da grande São Paulo, do concreto e da multidão. Porém, ao pegar o ônibus Circular no metrô Butantã com destino à Cidade Universitária, contam-se somente quinze minutos para imergir em uma realidade fora do comum e sujar de um barro marrom-avermelhado e lamacento o tênis all-star branco.

Visitar a Cidade Universitária é uma das tarefas mais fáceis que pode se imaginar. Basta um ônibus da estação Butantã da Linha 4-Amarela e em alguns instantes o visitante já pode se considerar dentro do maior complexo universitário da cidade de São Paulo. Em meio à grande vegetação que permeia toda a instalação dos prédios universitários, notamos estes que, antigos, mostram a estrutura precária – que recebeu verba para realização de reformas não cumpridas – de onde as aulas são ministradas.

A distância entre as faculdades e institutos, somada à falta de transeuntes entre esses intervalos, desperta certo receio de descer em algum ponto de ônibus e ter que caminhar, mesmo em companhia e com o sol ardendo nos ombros, até chegar a outro lugar um pouco mais movimentado. Esse sentimento surge, principalmente, pela precariedade de grande parte da Cidade Universitária.

A infraestrutura das faculdades evidencia a falta de apoio financeiro do governo para a restauração do local, incluindo as tintas coloridas que descascam das paredes dos pequeninos prédios que completam a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. A sensação de desleixo e abandono também surge ao ver que as pombas são as únicas que tentam tirar proveito das montanhas de caixas de papelão e dos sacos de lixo que transbordam comida pelo chão.

Ana Laura Macruz Cinto, 19, estudante da FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, enxerga grandes problemas também: “A infraestrutura da USP em geral está um tanto quanto bagunçada. Uma dívida enorme foi deixada pelo ex-reitor e agora para tentar estabilizar a situação, muitos gastos estão sendo cortados, principalmente bolsas. Isso gerou uma greve geral pela qual estamos passando agora: de funcionários, professores e alunos”.

Ao transitar com o ônibus Circular, que – como sugere o nome – circula por toda a universidade, fica



Praça do Relógio.

Kelly Miyashiro



Novas placas de identificação da ECA.

Kelly Miyashiro

difícil acreditar na grandeza de sua extensão, ao mesmo tempo em que fica claro ser praticamente impossível conhecer o lugar por completo sem o auxílio de um automóvel. Talvez as pessoas com bom condicionamento físico que praticam cooper nos finais de semana em frente à um dos portões de entrada da universidade já tenham conseguido tal proeza.

Apesar de suas três ligações viárias com a cidade através de portões com seguranças regulando a entrada, a insegurança da cidade universitária é inquestionável. Os inúmeros casos de violência que acompanhamos nas mídias são decorrência dessa falta de segurança que reina nos espaços vazios propícios a tais atos. A segurança é falha. O controle de carros é feito, um pouco burocrático, porém, o ônibus é a alternativa mais fácil para se entrar no complexo e não é feito um controle de pessoas. “Outra dificuldade é você morar um pouco longe da cidade em si, pois se num final de semana você precisar ir a um mercado ou sair pra se divertir, o transporte se torna complicado. Temos a opção de ir a pé à cidade ou esperar o circular que demora muito nos finais de semana. E se for à noite, piorou, pois ultimamente a USP está sofrendo uma onda de assaltos”, relata Ana Laura.

Paulistas tão costumeiros a não enxergar o final da rua devido à quantidade abundante de prédios, se assustariam ao conseguir ver a plana praça do relógio por completo, em toda a sua imensidão. A praça do relógio ocupa somente 176 mil metros quadrados – o que equivale a dezoito quarteirões urbanos - dos oito milhões de metros quadrados que compõe a Cidade Universitária. Por juntar os seis ecossistemas vegetais predominantes no Estado de São Paulo, a mistura entre cerrado, mata atlântica, campo rupestre, mata descídua, mata araucária e restinga é realmente muito intrigante e desperta a curiosidade, ao mesmo tempo em que atíça a fobia, em saber que tipo de animais e insetos vivem dessa confusão.

**“A atmosfera de cumplicidade e amizade que paira pelo ar faz com que nós, meros viajantes, nos sintamos completamente deslocados e invasivos.”**



Divulgação

Algumas das diversas árvores que compõem o ecossistema da Universidade de São Paulo.

Os muitos metros quadrados de gramado permitem um ótimo espaço para relaxar, ler um livro, fazer um piquenique e até mesmo descansar após uma prova intensa. Muitos dos estudantes usam dos gramados para grupos de estudo, e visitantes usam para passear com animais de estimação, tirar fotos, levar crianças para andar de bicicleta pela extensão tanto da Praça do Relógio, como da mata, e até mesmo relaxar um pouco também.

A gritante diversidade também é presente no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, mais conhecido como CRUSP. A atmosfera de cumplicidade e amizade que paira pelo ar faz com que nós, meros viajantes, nos sintamos completamente deslocados e invasivos. A infraestrutura dos alojamentos é simplória e inóspita. Do bloco

Ao bloco G, não há qualquer restrição de quem circula pelos corredores ou de quem decide pegar um dos elevadores. O cheiro de terra e as roupas penduradas nas janelas dá a impressão de estarmos transitando por um bairro periférico qualquer.

Ana Laura, além de estudante da FFLCH, também é moradora do CRUSP e veio do interior de São Paulo, uma cidade chamada Jumarim, a 40 minutos de Piracicaba. Ela diz ser diferente morar em uma cidade universitária e comenta sobre o processo burocrático para conseguir uma vaga dentro do conjunto residencial e sobre as dificuldades: “É um tanto quanto diferente, por ser uma cidade dentro de outra cidade, além de ser maior do que a cidade de onde vim. Morar onde se estuda é diferente. A infraestrutura... bom, isso

é um problema de se dizer. Eu diria que é uma bagunça. Para conseguir uma vaga no CRUSP, vários documentos precisam ser apresentados para uma assistente social. Eles serão avaliados e uma pontuação será atribuída. Dependendo da pontuação, a vaga é sua ou não. Mas o problema não está aí, o problema é que muita gente que não precisa da vaga, burla o sistema, e tira a vaga de muitas pessoas que realmente precisam.

As dificuldades dependem bastante da companhia que se tem lá e de sua condição de vida. Por exemplo, como dividimos um apê pequeno com mais 2 ou 3

pessoas, a harmonia é necessária. Se não houver essa harmonia, isso se torna uma dificuldade gigantesca”.

Existe, de fato, uma beleza na Cidade Universitária, tanto para estudantes, quanto para visitantes. Porém, a questão da falta de cuidado em relação à estrutura do local faz com que o lugar fique a mercê de uma administração desatenta e alunos, moradores e visitantes sejam prejudicados por conta disso. Apesar das dificuldades, a USP se torna um passeio interessante para aqueles que sentirem vontade de conhecer melhor o maior complexo universitário dentro da cidade de São Paulo.



Marcos Santos/USP

Novo bloco do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP).

Antigo prédio do cotonificio Rodolfo Crespi e que atualmente abriga o supermercado Extra

ALESSANDRA PERAGLIA

# Moooca

## uma viagem no túnel do tempo

*Do futebol, as pizzarias; das antigas construções, aos novos empreendimentos - um passeio pelo mais italianos dos bairros paulistas*

Alessandra Peraglia e Heloisa Aun

**D**esembarcando na última estação da Linha Verde do metrô, a Vila Prudente, e tomando um ônibus em direção a Avenida Paes de Barros, chegase a Moooca, o primeiro bairro da Zona Leste, próximo ao centro de São Paulo. Ruas largas e planas, construções antigas contrastando com prédios modernos, lojas e padarias, galpões que antes abrigavam grandes fábricas, muitas famílias caminhando pelas ruas, logo se percebe que o bairro guarda uma longa história, que perpassa gerações.

A Moooca representa um dos mais antigos e tradicionais bairros da cidade, descoberta em

1556, apenas 56 anos após o Brasil, e inicialmente, habitada por índios. Era um local cercado por rios, como o Tamanduaté, o rio Tatuaapé, o riacho da Moooca e o Aricanduva, entre muitos outros. A forte influência indígena se projeta até no nome: uma das hipóteses que se acredita é a de que a palavra Moooca é vinda da época em que os primeiros imigrantes passaram a construir suas casas, por volta do século XVI, e ensinaram os índios sobre suas construções, por isso a junção das expressões “moo” = faz e “oca” = casa. Ainda atualmente, é possível encontrar nomes de ruas do bairro que tem origem em palavras indígenas, como por exem-

plo, Javari, Tabajaras e Cassandoca. A partir da imigração de muitas famílias, principalmente da Itália, o local foi se modificando, passando a ser predominantemente um bairro fabril. Assim relata a moradora Ana Maria Cordeiro, 60 anos, que nasceu e vive lá até hoje, “Antigamente existiam inúmeras usinas e fábricas, muitas de tecelagem. Hoje alguns prédios foram preservados, mas diversos galpões antigos estão abandonados”.

Certamente um novo cenário vem se instalando por suas ruas e avenidas, mas o valor simbólico de seu passado industrial ainda prevalece. Muitos empreendimentos imobiliários tomaram



Fachada do Estádio do Clube Atlético Juventus

Alessandra Peraglia

os lugares de antigos complexos produtores, mas em alguns casos a sua relevância histórica está sendo conservada, como nos edifícios construídos na rua Borges Lagoa, localizados no terreno do antigo Refino do Açúcar União, que foram erguidos em volta da chaminé da usina, que permaneceu em pé, como um resquício de um passado distante. Mesmo diante do abandono de alguns galpões e do progresso que modificou a composição de outros, ainda é possível vislumbrar as fachadas de alguns edifícios que consolidaram a Mooca de ontem.

A Hospedaria dos Imigrantes, construída em 1887 com o intuito de abrigar os inúmeros

estrangeiros recém chegados ao país, é um desses exemplos, pois sua importância e boa conservação a transformaram no Museu da Imigração. O Cotonifício Crespi (Concrespi), fundado em 1896, chegou a ser a maior fábrica de tecelagem de São Paulo, mas infelizmente entrou em decadência na década de 60, ficando abandonada por muitos anos até que a rede de hipermercados Extra adquiriu o local, modificando alguns aspectos da sua estrutura, mas preservando a fachada original, que foi totalmente restaurada.

O contraste entre o passado e o presente também pode ser observado em suas muitas ruas e avenidas. Entre as mais significa-

tivas situam-se a Rua dos Trilhos, por onde passava os bondes, mas que atualmente foi tomada pelo asfalto que encobre boa parte dos robustos caminhos de ferro, a Rua do Hipódromo, local onde se encontrava o Jóquei Clube da Mooca, e a Rua da Mooca, a área mais comercial e que abriga uma das lojas mais antigas da região: a Casa Lewi. Para Pietro Ansanelli, morador do bairro há mais de 50 anos, as vias mudaram completamente e a Mooca de sua infância só pode ser revivida na memória que, entre sorrisos e risadas, ele relata: “Antigamente se quer existia tanto comércio quanto vemos hoje. Quando me mudei para cá o pão e o leite eram comprados diretamente do padeiro e

do leiteiro, que passavam todos os dias de manhã com os pãezinhos e com a vaca, porque o leite era ordenhado na hora. Naquele tempo, não existia essas “modernices”, as coisas eram mais simples”. Entre nossas caminhadas e diálogos, ficou notável um detalhe que diferencia a população daquele local.

O sotaque “mooquence” é uma marca forte da imigração italiana de anos atrás, mas que se estabelece até os dias de hoje. Certamente esta é mais uma particularidade, um tanto quanto charmosa, daquela região e também dos moradores, que demonstram um forte apego pelas singularidades do seu bairro e pela qualidade de vida que levam lá. Dona Antonia Salum

mora com a irmã, Dona Guiomar, em um velho prédio na rua Padre Raposo, um local rodeado de casas construídas no estilo do século passado. Ela chegou em São Paulo com nove anos e instalou-se com seus pais, imigrantes italianos, em uma pequena vila na Rua da Mooca. Tunica, como é chamada, conta que estudou na escola Oswaldo Cruz, o segundo colégio inaugurado no bairro, em 1914, e trabalhou como datilógrafa, nas “máquinas IBM”, na prefeitura. Ela relembra sua juventude na Mooca, época em que ia muito aos “circos, ao Teatro Arthur Azevedo, ao Cine Ouro Verde e também a Igreja São Rafael, todos os domingos” e também recorda “das paqueras,

em que as moças andavam em um lado da praça e os moços de outro”. Nesse contexto, a Mooca se apresenta como um bairro cheio de tradições e de ligações entre um passado remoto e um presente que se estabelece, seja nas suas edificações ou nas próprias relações e personalidades dos seus moradores.

A região tem muitas singularidades, diferentes de outros distritos de São Paulo, e preserva uma identidade única. Viajar por suas vias é como entrar em um túnel do tempo, onde as modernizações inovadoras ainda não foram estabelecidas de maneira tão efetiva e contrastam com uma longa história social e cultural.

# Maltrata e Consola(ção)

Na Consolação encontramos lugares históricos, personagens interessantes e muitas contradições

Jordana Langella e Nathalia Gorga Falsetti



Nathalia Gorga

Alguns dos cartazes expostos no Riviera Bar. (À esquerda: referente à revolução de 1932 - Paulistas às armas e as siglas MMDC)

Horário de pico na cidade de São Paulo, metrô lotado, pessoas apressadas para chegar a suas casas, movimento frenético dos trens subterrâneos e da passagem dos transeuntes. A estação da Consolação é um atalho pelo qual milhões de indivíduos transitam dia-

riamente com o objetivo de fazer baldeação da linha verde para amarela/vice versa, apenas sair para a rua cujo nome é o mesmo da estação ou acessar a mais conhecida Avenida do Estado, a Paulista.

Ao sair do metrô, observamos o caráter comercial do local, ca-

racterizado por vendedores ambulantes, executivos e lojas comerciais. Para quebrar essa imagem de intensa agitação, nos deparamos com uma passagem subterrânea literária. O ambiente era composto por um sebo muito simples, porém, rico em suas obras: com

livros antigos e grafites, arte que remete à modernidade.

Para complementar a expressão da calma e divergência com o exterior, a música clássica vinda de um instrumento musical delicado, o piano. A impressão nos passada era de que havia um artista no mesmo local. No entanto, nos surpreendemos ao seguirmos as ondas musicais e percebemos que estavam saindo de um antigo aparelho de rádio.

As características citadas anteriormente nos fazem imaginar um local paralelo ao da cidade, porém havia um resquício de que isso não era real: a presença de um morador de rua, seu José. Um senhor

que tinha seu semblante composto por cabelos e barba – visivelmente descuidada e por fazer – grisalhos, marcas de expressão de uma vida sofrida – aparentando ter 60 anos - e unhas extremamente compridas e encardidas.

Apesar de ser corcunda e se equilibrar com a ajuda de uma bengala, seu José exercitava seu lado artístico acompanhando o ritmo do som através da dança. Por ser conhecido naquele “pedaço” o homem recebe alimentos dos transeuntes e dos livreiros responsáveis pelo sebo. Pela ausência de cuidados básicos de higiene, sua arcada dentária já não é mais eficiente. A consequência é a dificuldade de

mastigar e, para se alimentar, ele tritura os mantimentos fornecidos com batidas em cima do concreto ou pelas próprias mãos.

Quando perguntamos a ele o que estava fazendo naquela região, seu José tropeça nas palavras e, agressivo, profere: “observando” – pelo menos é o que conseguimos entender -. Após dizer isso, continua vagando com sua roupa rasgada e sua bengala.

Além de seu José, na galeria literária havia uma mulher sentada em uma cadeira. O nome dela era Larissa - feição jovial: cabelos encaracolados presos, alargador enfeitando uma das orelhas, a presença de colares e roupas com o



Nathalia Gorga

Uma das filiais do restaurante tradicional Sujinho

estilo hippie-. A livreira nos conta que a maior parte dos consumidores é da região e pertencem à classe alta, porém, se defende: “Não é preconceito, mas as pessoas de classe alta têm maior bagagem cultural. Por exemplo: onde eu moro, em Itaquera, poucas pessoas se interessam por livros, apenas leem os didáticos para estudar.”.

Em poucos minutos de diálogo com Larissa, pudemos observar que, apesar de ser apaixonada por livros e ter até uma profissão relacionada a eles, seu vocabulário não era rico e não havia muita concordância.

Saindo da passagem o ar da urbanização volta a nos rodear e a poucos metros adiante, notamos a presença de um edifício simples, porém atrativo: é o Hotel Ibis. No qual muitos sacoleiros com o objetivo de adquirirem mais mercadorias e executivos visitantes da cidade se hospedam pela diária de 200 reais, segundo Renato, um dos taxistas residentes do local.

Ele assume que optou por trabalhar no hotel pela maior renda vinda da média de 300 passageiros diários, pois os cômodos sempre têm hóspedes, os quais se locomovem, principalmente, para rodoviárias e aeroportos. O entrevistado tinha cerca de 40 anos, seu traço mais marcante era o bigode bem cuidado e escuro.

Na frente do hotel esbarramos com a hóspede Judite, uma mu-

lher de sorriso largo e detentora de uma fé imensurável. Ela guardava apressadamente várias malas no compartimento traseiro do carro de Renato, e, brevemente, porém muito simpática, nos contou que veio de Salvador para fazer compras para igreja da qual participa. Também nos disse que costuma frequentar a região quando vem para a cidade, pois há fácil acessibilidade - perto de metrô, linhas de ônibus e lanchonetes.

No meio do cenário cinza e com aspecto sujo, típico de uma avenida movimentada de São Paulo, um slogan escrito “Riviera” em tons de neon vermelho e verde com desenhos de coqueiros, quebrava o ambiente sem pigmento, de depressão. Aquilo se parecia com um motel ou até mesmo um bordel, mas para a nossa total surpresa e espanto, quando adentramos pela porta do local a convite dos seguranças simpáticos e acolhedores, um novo mundo surgiu: refinado e carregado de histórias, um restaurante tradicional desde 1949.

Uma arquitetura formada por vigas de sustentação, uma grande escada branca em forma de curva, um deck bar cujo formato lembra o corpo de um violão, uma parede feita de blocos ocos de vidro e cartazes contra a ditadura – um tinha até as iniciais dos jovens mortos: MMDC -, em pró da revolução de 1932 remetem as memórias daqueles que frequentavam o bar antiga-

mente.

Belkis, bartender do Riviera – aparência de 30 anos, semblante de forte personalidade: nos cabelos um topete ousado, barba castanha volumosa, óculos pretos marcantes e um modo de falar composto por vários palavrões. Conta que o bar era frequentado por comunistas na época da ditadura, onde discutiam sobre o sistema instaurado e, segundo a lenda, se identificavam através de toques nas mesas. Até mesmo no depósito do local havia traços da ditadura – era um esconderijo para os filhos dos frequentadores, caso a polícia aparecesse.

Não só os cartazes e as histórias contadas oralmente evidenciavam todo o valor biográfico, mas também os livros antigos censurados pela ditadura - como alguns escritos por Karl Marx – que hoje são expostos em prateleiras e podem ser alugados gratuitamente por qualquer pessoa que tenha interesse, mas Belkis faz questão de ressaltar que eles devem ser devolvidos, pois os donos têm carinho pelas obras.

Até a década de 90 era conhecido pela qualidade, artistas como Chico Buarque e Arrigo Barnabé adoravam o local. A prova dessa predileção é que Chico Buarque escolheu o lugar para comemorar a sua vitória no Festival da Canção e Arrigo Barnabé considerava o ambiente inspirador para compor músicas- escreveu “Disco Eletrônica”,

ao lado de uma mesa de pinball que compunha o espaço.

Porém, no período entre 1990 e 2005 tornou-se reduto de decadência, devido à falta de investimento. Já em 2013 foi reaberto, a fim de restaurar a memória do local, assim, voltando a receber um público mais seletivo – principalmente amantes de Jazz, MPB e Blues-.

Sáimos maravilhadas com as informações absorvidas e também esperamos nos encantar com a história de outro restaurante tradicional da região, O Sujinho. Um restaurante com cerca de 42 anos, famoso pela melhor bisteca da cidade e predileto pelos artistas da Jovem Guarda.

Porém, o sentimento foi de decepção, os funcionários do restaurante- localizado na Avenida

Consolação, 2063 - nos olharam de forma superior e nos trataram com grosseria. Aparentemente o incidente foi ocasionado por causa da sobremesa – a recepcionista do caixa disse indignada após não pagarmos a taxa de serviço: “Fizemos a exceção de servir a sobremesa na mesa e mesmo assim vocês não vão pagar o serviço?”-.

Resolvemos visitar a primeira unidade da rede do restaurante, localizada no lado oposto da rua. O doce acolhimento foi feito por Zitto - um garçom de meia idade, carregado de boas histórias – disse que o local recebe durante 24h “de senadores a prostitutas”, um ambiente bastante heterogêneo, onde acredita ser um dos poucos que entrelaçam diversas culturas com harmonia.

Jô Soares, Xico Sá e políticos são uns de seus clientes – conta com muito orgulho que quando ficou doente recebeu muitas ligações por dia estimando melhoras – e diz que seu segredo é a simpatia. A paisagem é composta por lixo e luxo.

Um lugar cheio de paradoxos e questões para refletir: a riqueza e a pobreza andam lado a lado, às vezes de mãos dadas – como no caso dos edifícios bem cuidados e galpões abandonados. Sem teto, com lustres, sujeira, história, livros, cultura na mala dos mais ricos e dança para um morador de rua. Pequenos termos com grande significado quando paramos e observamos a movimentada, mal cuidada e acolhedora – na maior parte do tempo – Consolação, que consola e abriga seu José e outros tantos iguais e diferentes dele.



Estação Consolação do metrô



Igreja Nossa Senhora da Glória, um símbolo do Cambuci, bairro da zona sul de São Paulo.

# CAMBUCCI: UM POTE NO MEIO DA CIDADE

João André Fraga, José Maurício Besana e Laísa Dall'agnol

Um dos mais antigos de São Paulo, o bairro do Cambuci impressiona pela sua diversidade e desenvolvimento. O distrito abriga diversos serviços comerciais, dos mais populares, esses mais tradicionais, até os mais requintados, que surgiram nas últimas décadas em resposta aos prédios de

luxo que começavam a ser construídos na região. Para ter uma ideia, o senso de 2010 classificou o bairro do Cambuci como muito elevado nos termos de IDH, colocando-o na 24ª posição do ranking de distritos de São Paulo.

A origem tupi do nome Cambuci (que no idioma original signi-

fica pote de água) nos faz lembrar o caráter selvagem da região nos primórdios da história de São Paulo: uma região pouco habitada, banhada pelo córrego Lavapés, o qual servia de ponto de descanso e revigoramento aos viajantes vindos da baixada santista. Foi no final do século XIX que as coisas mudaram:

com a construção da Igreja da Glória, foi lentamente se formando um aglomerado de chácaras e pequenos comércios ao redor da Sé. Mais tarde veio o que hoje é a principal artéria do bairro: a Avenida Lins de Vasconcelos.

Com quase quatro quilômetros de extensão, a via liga o largo do Cambuci até a Vila Mariana. Quando se passa por ela em um dia útil é possível testemunhar um constante fervilhar de movimento: pessoas a pé, inúmeras linhas de ônibus que sobem e descem a avenida, ambulantes, carroceiros etc. Passar todos os dias por essa via não é garantia de conhecê-la nos detalhes. A especulação imobiliária dos últimos tempos favorece a constante transformação do cenário; prédios de alto padrão surgem no lugar de antigas casas.

O mais recente fenômeno dessa transformação são as academias de ginástica. “Há pouco tempo elas eram inexistentes”, opina César Augusto, morador da Lins há vinte anos, “Hoje, um só quarteirão aqui perto (de sua casa) tem duas academias”.

A avenida, porém, não é uma transformação desenfreada. É nela que se localizam os principais “pontos turísticos” do bairro. A Igreja da Glória a poucos metros da avenida, o balneário do Cambuci e os três pilares da gastronomia da região: a casa de pasteis Yokoyama, fundada por imigrantes japoneses, o Lanches Mansour e a lanchonete Achapa, todos datando de meados da década de 60.

Apesar da diversidade, não é difícil notar um padrão na Lins de Vasconcelos. Perto do Largo do Cambuci, o comércio é de caráter popular, lojinhas de doces caseiros e redes de 1,99 são comuns; as casas, por sua vez, também são tradicionais, em sua maioria sobrados com o portão baixo, remetendo à



Artéria do bairro, a avenida Lins de Vasconcelos integra a história do Cambuci

época em que o bairro era de maioria operária. É também nessa área que ficam duas escolas municipais e o balneário, também público. Na parte intermediária da Avenida a diversidade é maior, o movimento é mais carregado e convivem lado a lado prédios novos e antigos.

São várias as padarias, todas elas com a aparência de que estão ali há muito tempo. Já no seu último segmento, as residências somem e dão lugar a comércios voltados aos cuidados com o carro: unidades do “martelinho de ouro”, oficinas e estacionamentos estão cada vez mais presentes na medida em que se avança para a Vila Mariana.

“A Lins de Vasconcelos é sinônimo de praticidade.”, completa César, “se você precisa de algo, é só andar por uns dez minutos e encontrar o que está procurando, não precisa nem pegar o carro.”

E como todo bairro, o Cambuci também possui seus personagens, dentre eles uma figura que, como o bairro, é pura simpatia.

Arlindo Buzeto, velhinho italiano boa-praça, é testemunha viva de todas as mudanças que aconteceram no bairro. “Moro no Cambuci há

mais de 70 anos. Nasci e me criei aqui. Tive meus filhos, netos e, agora, bisnetos. Quando menino, o bairro era ainda bastante operário, apesar das fábricas já terem ido embora daqui”, conta ele com seu forte e característico sotaque. “Posso estar velho hoje, mas quando novo, você vê, cheguei a jogar no Juventus e ia de bonde até a Moóca”, diz ele.

Engenheiro de formação, Arlindo, depois de aposentado, passou a cuidar da entrada superior da Academia Albatroz, onde ficava a piscina semi-olímpica. Essa parte foi vendida para a construção de um novo prédio, e Arlindo decidiu de vez pendurar as chuteiras. “Olha, pra ser sincero, eu trabalhava mais pra não ficar caducando em casa, sabe? Sem falar que a véia se irritava comigo o dia todo lá”, brinca ele.

Como bom italiano, Arlindo não poderia deixar de falar da cantina da qual foi (e é) freguês a vida toda. A tradicional Cantina 1020, situada na rua Barão de Jaguará, bem perto do Largo do Cambuci, conquista pela simpatia dos garçons e pelo sabor de suas massas. Hermínio Strazzabosco, na casa desde seus vinte e tantos anos, esbanja bom-humor e trata sempre a

todos os clientes com atenção especial. “Aqui é todo mundo família. Tem cliente que eu vi nascer e hoje já tá tudo grande. Aí eles trazem os filhos e é uma alegria só”, conta ele.

O restaurante mantém o mesmo estilo de decoração e ambiente desde que foi inaugurado, em 1948. O salão amplo é ocupado por mesas de toalha verde-xadrez, e as paredes são cobertas por fotos de ilustres fregueses do local, como o apresentador Faustão e o governador Geraldo Alckmin.

Por mais que o trânsito e o comércio sejam uma constante, o bairro é de uma tranquilidade arrebatadora. Os moradores ainda possuem o hábito de colocar cadeiras na rua para bater um papo com os vizinhos após um dia de trabalho ou para ler um jornal de manhã. As crianças tomam conta das ruas. Ainda com os uniformes escolares, elas correm e atravessam a rua sem medo algum. No Cambuci, a prioridade nunca é dos carros.

As ruas já estão pintadas de verde e amarelo. Somente em um bairro tão acolhedor é possível ver a reunião de moradores para tarefas tão simples e alegres. Jovens, crianças e idosos fazem bandeirinhas, pintam e desenham no chão. Uma comunhão pública que aproxima ainda mais os moradores.

O bairro ainda é um reduto das casas. A invasão dos prédios já começou, mas ainda é muito discreta e ainda não altera a alma do bairro. Isso porque as casas aproximam as pessoas – parede com parede-, enquanto os condomínios têm a incrível capacidade de afastar as pessoas. E no Cambuci, a simpatia pelo vizinho é inspiradora.

Um espírito provinciano cerca o bairro. E que fique bem claro que o adjetivo provinciano nada tem haver com atraso no progresso do bairro, ou que os moradores tenham uma visão retrógrada ou que ainda o local

não conviva com o desenvolvimento. Ser provinciano não é demérito, e sim um modo diferente de enxergar e se colocar no mundo.

Provinciano também remete ao natural. O Cambuci é naturalmente um abrigo, um refúgio dentro de uma megalópole caótica. A rua é um constante ponto de encontro, e as paredes das casas são meras divisórias e não proteções contra o mundo exterior. As fechaduras ainda permanecem boa parte do tempo abertas, não há uma preocupação, todos são conhecidos e reconhecidos no bairro.

Os mais afoitos da modernidade podem enxergar o estilo do bairro atrasado e ultrapassado, mas o Cambuci não tem nada disso. A região tem a melhor combinação entre a tranquilidade, serviços e a paixão pelo espaço público. E a vista da Igreja da Glória é sensacional.



Culinárias de diversas origens ao redor do mundo se juntam no eclético bairro da zona sul de São Paulo.

# FACULDADE CÁSPER LÍBERO

A EXPERIÊNCIA DE FAZER E ENSINAR COMUNICAÇÃO



CURSOS

Jornalismo



Publicidade e Propaganda



Rádio e TV



Relações Públicas



FACULDADE  
CÁSPER LÍBERO  
FORMANDO  
OS MELHORES  
PROFISSIONAIS  
DE COMUNICAÇÃO



/FaculdadeCasperLibero



@casperlibero



/casperlibero

“A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu realtive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.”